

A COMUNA

SEMÁRIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$35 — ESTRANGEIRO \$40

N.º 16 (106) — 1-7-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 133 — PORTO
COORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

Preparemo-nos

O FASCISMO À PORTA...

Máus dias, muito máus dias estão reservados à organização operária e aos seus militantes mais activos. A onda reaccionária, essa onda que vive do lógro e da infâmia, que se metamorfoseia ao sabor dos apetites vorazes da classe endinheirada, da classe que vive a expensas do trabalho alheio, não cessa um momento de se manifestar. E, na escuridão da noite, nos conciliábulos secretos, longe da vista, dos olhares, por vezes ingéniosos daqueles que não conhecem nem desconfiam das diversas modalidades do camaleão, essa onda reaccionária vái preparando serenamente o salto do tigre para cravar, à sua vontade, as garras afiadas naqueles indivíduos indefesos que procuram, à custa de mil sacrifícios e canceiras, melhorár as condições de existência da humanidade que trabalha útilmente, de toda a humanidade, enfim...

A onda reaccionária avança a olhos vistos. Fiada na complacência e na «brandura dos nossos costumes», alarga, estende as suas raízes, ao ponto de subverter tudo e todos. De norte ao sul do país, tudo é dela. Aqui, ali, acolá e além, é essa onda que é dona, senhora absoluta dos destinos do povo, incluindo até a sua vida íntima. Nunca suposemos que a República se deixasse corromper a tal ponto!

Ora as consequências desse avanço não podem ser mais sinistras nem mais pavorosas. E a razão é muito fácil de compreender. Por trás dessa onda, que procura avassalar a própria consciência dos indivíduos, trama-se uma conspiração, uma revolução de carácter puramente fascista!

Os jornais diários, teem-se referido, é certo, a este caso de suma gravidade; mas, no meio da sua estulticia, teem-no feito *distraidamente*, que os seus leitores nada ficam a perceber. De modo que precisamos de tratar das coisas quanto antes, para que os inimigos do proletariado consciente e revolucionário não nos encontrem com as mãos «espanadas».

O facto, concreto e positivo, é este: nos horizontes políticos desenha-se, com uma nitidez que não admite dúvidas de espécie alguma, uma revolução essencialmente *mussolinica*! A alta e a baixa finança, o grosso e o *fino* comércio, a grande e a pequena indústria, os nababos de antes da guerra e os novos ricos da *post guerra*, numa palavra, todos os usurpadores que vivem da exploração e do roubo legalizados, são favoráveis a esse movimento criminoso. São favoráveis e prestam-lhe o seu auxílio. E a prova do que afirmamos é que, ainda a revolução não está na rua, e já se apontam cabeças que hão-de rolar no chão, e já se compram vasilhas para beber o sangue das vítimas!...

A par destes actos de puro canibalismo; a par destas selvajarias indignas do século em que vivemos, os chefes ou mentores dessa revolução criminosa, dêsse atentado de lesa-humanidade, teem um outro objectivo a atingir: esmagar a organização do proletariado, liquidando, pura e simplesmente, os seus militantes mais conscientes e mais activos. Porquê? Porque a organização operária impõe um certo respeito; mete um determinado medo a todos os endinheirados, a todos os assambarcadores, a todos os

ladrões do povo faminto, andrajoso e miserável...

A revolução que está na forja é, pois, uma revolução essencialmente fascista. Os seus organizadores, velhos reaccionários que nunca puderam encerrar, sequer, os rubros clarões duma simples democracia, pretendem o regresso a um passado ignominioso de latim de sacrista e de fogueiras e martírios inquisitoriais. Ao afirmar-se republicanos, encobrem, nas dobras das suas roupetas, o punhal com que hão-de apunhalar as magríssimas liberdades de que o povo ainda disfruta.

E apesar de toda-a-gente saber que se aliciam criaturas para esse movimento infamíssimo, os marechais teem a impudência de declarar que «tudo isso não passa duma pura fantasia!»

Mas a história não mente. Com S.º António Pais deu-se o mesmo fenómeno, procedeu-se da mesma maneira. E o resultado viu-se. O sidonismo conduziu-nos à *traulitânia*. O gesto espontâneo e decidido do povo, da alma popular em revolta, impediu que a *traulitânia* atingisse o zenite das suas mais hórridas manifestações. Aonde nos conduzirá, agora, a nova revolução fascista? Ao terror branco? Ao terror negro? Ao assassinato violento em plena rua? Ao *torquemadismo*?... E' difícil de prever.

O que não é difícil de prever, porque se conhecem, são os instintos bestiais dos empresários da revolução que está à porta. Cada um deles pretende fazer de cada localidade portuguesa um vasto cemitério onde sejam enterrados todos os indivíduos que se manifestem contra o actual estado de coisas.

Crê ou morres—tal é o *mot-d'ordre* dos manipuladores que se propõem acabar com a república. *Crê ou morres*, é a doutrina da Igreja. *Crê ou morres*, é o princípio basilar que norteia essa avalanche de gatunos que enriqueceu fabulosamente durante a guerra, e que continua a roubar o povo. Assim, do con-

junto destas três tendências, ¿que poderá surgir? Uma amálgama, sustentada por uma ditadura militar, que nos sufoque, que nos esmague, que nos estrangule, dançando, no fim, sobre os nossos cadáveres, e atirando-os, depois, aos corvos, para que tenham também o seu festim!...

Pois bem: ¿que fazer em semelhante conjuntura? ¿Esperaremos, como pergunta S.º bastião Faure, que as autoridades nos venham defender a pele? Não, trabalhadores! Não! O que se impõe, desde já, como um dever, é a defesa, a defesa imediata, para que o inimigo nos não apanhe de surpresa.

Lembrá-vos que quem correu a inariolagem da *Traulitânia*, também pode correr com a matulagem fascista.

A'lerta e a postos!

Que cada trabalhador se transforme num herói para corresponder como é mister aos bandalhos que querem que *isto* ande para trás!

Que cada trabalhador constitua uma unidade para mostrar que é um homem!

A revolução fascista está à porta. Respondamos, pois, congnadamente a esses revoltosos, na certeza de que, assim, salvamos o nosso futuro e o futuro de nossos filhos.

O partido político é alguma coisa bem diferente do partido doutrinário, visto que representa, não uma forma livre de pensamento individual, mas uma volição colectiva que procura impor-se aos outros, mediante a fixação dumá necessidade nova que deve ser satisfeita no interesse dum largo grupo de indivíduos. A sua força é, por isso, tanto maior quanto melhor souber realizar a conciliação do interesse puramente individual com o maior número possível de indivíduos, e nunca pela originalidade da «idea» que encerra.

Celso FERRARIS.

Comunismo-anarquista e individualismo

II

O escôlho do colectivismo encontra-se precisamente nesta grande dificuldade. Proudhon, Bacunine e quase todos os primeiros anarquistas combatiam o comunismo e defendiam o colectivismo com o fim de evitar que a comunidade pudesse absorver o indivíduo. Aceitavam a parte boa do comunismo e a parte boa do individualismo. Admitiam que todos os indivíduos, absolutamente todos, tinham igual direito ao gôso de tudo quanto era o resultado da natureza e das energias das gerações passadas, ou do produto «íntegro do seu trabalho». Quere dizer: declaravam coisa comum, não é a terra, como o património que nos legaram os nossos antepassados, tudo o que era necessário à produção (tornando, assim, impossível a exploração do homem pelo homem), sendo individual o trabalho que cada um fizesse em semelhante igualdade de condições. Isto era um sistema eclético que dava uma cabal satisfação ao comunismo e ao individualismo. Teóricamente, êste sistema económico parece que não vai de encontro ao princípio anarquista. A dificuldade encontra-se, sobretudo, no poder de determinar a parte de esforço correspondente ao trabalho de cada um; e na aceitação fatal do sinal ou do valor de troca.

De aí resultou que muitos indivíduos se declararam comunistas-anarquistas, por terem chegado a esta conclusão lógica: podendo, cada um, em pouco tempo, produzir abundantemente, não havia necessidade de perder tempo e malbaratar energias em cálculos pouco menos que inúteis e prejudiciais. Trabalhando cada um a seu gôsto e tendo em vista o bem comum, todos poderiam sacrificar um tanto as suas necessidades. Poderá, é certo, duvidar-se da praticabilidade dêste sistema, julgando-se até impossível; mas, afirmar que êle nega a liberdade individual, visto que deixa cada um em condições de proceder como melhor lhe pareça, é mentir à própria consciência.

Sobre êste ponto, diz-nos E. Armand: «quanto aos meios a empregar para se conseguir as melhores condições de troca dos produtos entre produtores individuais ou grupos de produtores, ignoro-os ainda». E falta-lhe razão quando pretende

que os outros lhe indiquem detalhadamente como e de que maneira se efectuará a troca de produtos, atingindo as raias do ridículo quando se põe a fazer perguntas como estas: «Qual será a forma dos depósitos — quadrada, cilíndrica ou oval? Misturar-se não os doces com o carvão, os sapatos com as batatas», etc., etc.?

Quem estas linhas escreve, acha fora de toda a lógica determinar, dum modo exacto, a forma como deverá efectuar-se a produção e a troca, uma vez destruído o regime capitalístico-autoritário, porque entende que essa modalidade deve ser determinada pelo estado de desenvolvimento que tenha atingido o saber humano.

Hoje, por exemplo, a «civilização» depende, especialmente, do carvão, do ferro e do petróleo, e não se pode pensar, sequer, na exploração individual das minas e jazigos. Quem sabe se, amanhã, aproveitando-se os raios solares, ou os movimentos dos mares, ou outras energias desconhecidas hoje, nos será possível produzir as coisas sem necessidade de centralizar os esforços humanos?

Quem sabe se, como supõe Krapotkine, o mundo será composto de pequenas comunidades, bastando-se a si-próprias? Quem sabe se se procurará que cada território nos dê o que naturalmente nos pode dar, sem esforço quase nenhum? Quem sabe se o gôso de cada qual dependerá do resultado das colheitas obtidas nas cinco partes do globo?

O importante não está em saber como e de que maneira se efectuará a produção, a troca e o consumo, mas sim em indicar os meios que tornem impossível a exploração do homem pelo homem.

E isto não pode ser o caso do individualismo, que considera a propriedade do meio de produção e a livre disposição do produto como a garantia essencial da liberdade individual... sob a reserva, para o possuidor, de não poder dispor do esforço alheio na evolução das suas faculdades; porque, como diz o proprio Armand, «por muito conscientes que sejam os indivíduos, desde o momento que a sua regra de conduta se baseia unicamente nos seus interesses, ou no utilitarismo bem compreendido, não

há mais nada além da violência para os impedir de prosseguirem nos seus maquiavélicos intuitos.»

Notemos desde já que um indivíduo só pode explorar outro quando possui os meios de produzir que faltam a êsse outro. Aquele que, pelo próprio esforço, ou por doação, ou por furto, possui — digamos assim — duas galinhas assadas, encontra-se em condições de explorar, e, provavelmente explorará, aquele que precisa duma e não a tem. Já não poderia fazer isso se as galinhas assadas estivessem sempre à disposição de quem necessitasse delas, indivíduo ou colectividade.

E ao referirmo-nos às galinhas assadas podemos dizer terra, minas, máquinas ou saber humano. E' por isso que, em comunismo-anarquista, o sólo, o subsólo, como o ar, a luz, a água, as fábricas, as ofi-

cinas, os ateliers, os utensílios de trabalho, estarão à livre disposição de todos.

Dentro dêste sistema social surgirão, talvez, podendo funcionar à vontade, diversos e múltiplos sistemas de produção, troca e consumo. Poderá existir o indivíduo — *ave raris* — que procurará viver o mais isoladamente possível, e o indivíduo que mais se unirá aos outros para produzir em comum e consumir individualmente, e o indivíduo que produzirá e consumirá em comum. Poderão existir, também, grandes e pequenas colectividades independentes ou federadas, livres todas, como os indivíduos, para dedicar as suas energias ao que mais, melhor e útil lhes pareça. Da variedade, surgirá a unidade.

E' por isso que a garantia da factibilidade da anarquia, é o comunismo-anarquista.

A revolução imediata e a Revolução Social

A Revolução Social é — a meu ver — o resultado da evolução constante do espírito humano em todas as suas manifestações, dos ideais de emancipação e de tudo, enfim, que contribue para a elevação moral, espiritual e intelectual da Humanidade; ainda mais: é essa própria evolução.

E' pois, como que uma força invencível que esmagará todos os grãos de areia, que a todo o momento se infiltram na sua complexa engrenagem.

Pode uma *revolução imediata* dar-nos a ilusão de mais um passo andado para o fim que almejamos. Pelo menos fará ruir o sistema capitalista actual, para porventura estabelecer um outro diferente na forma mas idêntico nos seus efeitos.

Segundo os partidários da revolução imediata, pela propaganda do ideal anarquista e pela educação das massas populares, só ao fim de muitos séculos talvez, se conseguirá atingir o nosso fim.

Consegui-lo-hão eles mais rapidamente com a sua revolução imediata e violenta, sem que esteja feita a revolução intelectual numa minoria capaz de assegurar as conquistas dessa mesma revolução? Não o creio.

Feita essa revolução, que sendo imediata não encontrará o apoio duma maioria consciente que a não deixe fraquejar, fatalmente que organizarão (eles)

a sua defeza sob a inevitável forma de ditadura.

Terão de arrostar com a resistência das classes parasitárias e da parte inconsciente da massa; terão de lutar, lutar muito se não quiserem perder a situação que houverem alcançado. Haverá com certeza a combater uma legião de contra-revolucionários, no número dos quais não deixarão de ser incluídos aqueles que tentarem fazer evoluir o novo Estado.

Mas...

Para se manter, a revolução terá certamente estagnado, e como a educação revolucionária do povo será como hoje, pouco mais que nula; a Ditadura terá de manter-se, consolidar-se há o novo Estado, que forçosamente recuará, porque a Revolução, (com R maiúsculo) não estará feita; ela vem-se fazendo há séculos e só chegará ao estado de adiantamento que nós desejamos, quando se tenha conseguido esmagar todo o poder estatal ou ditatorial, e desaparecido a exploração do homem pelo homem.

Sim! Duma revolução imediata surgirá um novo Estado, burguês ou proletário.

Depois do novo Estado assentar em bases seguras (na ponta das baionetas), recomeçará a luta para o derrubar, com mais violência talvez que hoje se usa.

Poderá parecer que tudo isto são hipóteses, mas se olharmos para as revoluções: francesa, portuguesa e russa e as estudarmos um pouco, nas suas realizações sociais, concluir-se há pela razão das nossas considerações.

A. P. MATOS.

Guerra ou revolução?

Que nos preparam os acontecimentos Internacionais de hoje? Apressam eles a vinda duma Revolução emancipadora para os explorados, vão eles abrasar a Europa e depois o mundo inteiro com esta chama de purificação, que nós desejamos, afim de nos libertar das velhas instituições de autoridade e de exploração? Ou antes, não farão eles se não renovar com outras fórmulas e uma complexidade maior no horror, a Matança Mundial?

Em todo o caso, os anarquistas devem estar prontos a afrontar o choque dos factos sociais, quaisquer que eles sejam — sem ter nada a renegar das suas ideias. Eles devem desde já fazer também todos os seus esforços, para que os trabalhadores vejam claro o caminho, que se abre diante deles, e que não deixam nunca de conservar esta lucidez própria a evitar-lhes as armadilhas de 1914.

No Ruhr, os bandidos do capitalismo francês unido à rapacidade dos grandes indústrias alemães criaram uma situação de miséria intolerável aos operários. Vastos movimentos grevistas se tem «desencadeado». Por resposta, os patrões lançaram contra os grevistas bandos fascistas, que assaltaram as reuniões operárias. Os mineiros defenderam-se. Foi a insurreição. E eis os dois governos inimigos prontos a entenderem-se. Cuno e Poincaré confraternizam sobre os cadáveres dos produtores do Ruhr. O governo alemão dirigiu-se ao general Degoutte, pedindo-lhe para autorizar o envio para o Ruhr de soldados disfarçados em polícias. O governo francês acedeu ao pedido de Cuno. Deu, além disso, ordem às autoridades de ocupação para intervir pela força das armas contra os grevistas.

No entanto cidades inteiras ficaram nas mãos dos insurrectos. Uma revolução parecia dever ganhar de comuna em comuna toda a Alemanha industrial.

Mas eis que as últimas notícias trazem um outro «som de sino». A *Humanité*, de 31 de Maio, diz-nos que as greves perdem a pouco e pouco o seu carácter insurreccional «graças à acção exercida pelo Partido Comunista alemão que desde o dia em que a greve se tornou violenta, multiplicou os seus apêlos a grevistas do Ruhr para os incitar á calma». E o infor-

mador oficial do bolxevismo conclui:

«O Partido Comunista da Alemanha tem suficiente experiência; e a população operária do Ruhr em particular tem sido bastante experimentada para não desperdiçar as forças dos seus militantes. Se após u' curta efervescência produzida pelas provocações das milícias burguesas, os operários se tornam novamente senhores de si mesmo», é pois graças á acertada política da Central do Partido Comunista alemão, e unicamente graças a ela»

Assim, é o próprio «partido revolucionário» que se gaba de ter apaziguado o foco da agitação do qual podiam partir as chamas da Revolução da Alemanha.

Porquê esta atitude de temporização, que parece contradizer os desígnios do mesmo partido que a toma? Porquê este medo do impulso revolucionário? Porquê esta espécie de método lançado sobre os factos insurreccionais pelos bolxevistas da Alemanha?

Tudo se explica, se nós nos dermos ao trabalho de lançar os nossos olhares para além do Ruhr, e semelhantes nisso aos nossos políticos em comunismo, se esquecermos os actos locais do proletariado, para não pensarmos senão na política dos ditadores do Proletariado.

Os manifestos do Partido comunista e da C. G. T. Unitária fazem apêlo aos proletários, para que defendam a república dos soviets contra os ataques do governo britânico. Um conflito anglo-russo está suspenso sobre a cabeça dos homens do mundo inteiro como uma nova ameaça de guerra. O litigio terminar-se há por um acôrdo entre os dois governos ou por uma guerra mundial? Eis toda a questão.

Muito hábilmente, os jornalistas do bolxevismo esforçam-se por manter a confusão entre a Revolução russa e a República actual dos Soviets, e vão-se lamentando: «O imperialismo burguês da Inglaterra queré assassinar a Revolução proletária!»

Mas o Estado russo não é a revolução. E a república dos Soviets não é outra coisa: senão o Estado russo. Ela cessou de ser um foco de revolução

para se tornar um novo centro de ordem e de repressão.

Houve um tempo ainda, em que nós compreendíamos, que os trabalhadores defendessem a República dos Soviets, mas sob a sua forma bolxevista: era quando ela se conservava em luta aberta contra todos os Estados do mundo, quando ela se opunha pela violência às violências do bloqueio e das agressões armadas, quando ela não aceitava de facto nenhum governo burguês. Mas hoje esta República tem os seus representantes diplomáticos junto dos Estados mais reaccionários. Ela participa nas Conferências que devem fixar o estatuto legal das nações oficialmente reconhecidas. Defende os seus interesses territoriais e os seus privilégios nacionais num pé de igualdade com os Estados estrangeiros. Tem um exército permanente. Pode fazer a guerra ou a paz. A República dos Soviets tem hoje como os outros Estados a sua parte pesada de responsabilidade na incerteza de vida para os trabalhadores. Instrumento de autoridade, ela é, como todos os poderes, um perigo social para o indivíduo produtor. Como quereria que este se sacrificasse por ela, quando vê nela o inimigo da sua causa, do seu bem, da sua vida?

Não é preciso pois admirar-se de constatar a ausência dos partidos bolxevistas em todos os movimentos espontâneos de insurreição proletária. Porque quereis que o partido central comunista da Alemanha ou o da França, ou de qualquer outro país tem a vontade de aticar ou de inflamar os focos locais da revolução, que arriscaria comprometer a estabilidade e o poder desse centro de autoridade que é Moscovia? Porque quereis que eles tenham interesse em que o proletariado duma região encontre em si mesmo as causas e os benefícios da sua emancipação?

A salvação não pode nem deve vir senão de Moscovia. Fora de Moscovia é a condenação, a perdição e a calamidade. Esperemos tudo de Moscovia, que nos ditará a lei da nossa felicidade e os meios de a atingir.

Abafemos a insurreição dos grevistas do Ruhr. Castremos o sindicalismo revolucionário na França

Façamos curvarem-se as cabeças, e preparemos os corações submissos perante o único facto desejavel para um verdadeiro revolucionário segundo

a fórmula dos governantes de Moscovia: a guerra Santa, A grande Guerra, a última das guerras, a guerra pela emancipação do proletariado. (Como á de 1914-1919 foi a guerra para a libertação dos Povos), a guerra onde milhões de proletários se farão matar pelo triunfo do exército vermelho, pela glória histórica dos seus generais e para estabelecer em França a ditadura de políticos formados na escola de Moscovia.

A menos que... os trabalhadores do Ruhr, não se deixando mais capitanear pelos negociantes da politica, não se deixando mais adormecer pelos fabricantes do «interesse geral» e pelos charlatães da Revolução, não permitam aos chefes do partido comunista de «refrear o movimento» e levando até às suas consequências lógicas as suas revoltas de esfaimados, façam praticamente obra de revolucionários, apoderando-se bairro por bairro, comuna por comuna, dos meios de consumo e de produção, que lhes pertencem.

E aqui os anarquistas dirão aos operários franceses: «Imitai os vossos irmãos da Alemanha. Fazei a vossa revolução, por vós mesmos. E ainda o melhor meio de auxiliar a Revolução universal».

Fora disso não há senão autoridade, ditadura, exército, guerra, miséria e reacção.

ANDRÉ COLOMER.

(Do *Libertaire* de 1 de Junho).

Comité de Propaganda e Organização Anarquista do Norte

Este Comité comunica a todos os grupos, bem como a todos os anarquistas isolados, que o Grupo de Propaganda Libertária editou um manifesto de propaganda.

Como se possam ceder cerca de 3.000 ex. lembra-se a todos que pretendam qualquer quantidade, podem fazer a sua aquisição mediante a importância de 2\$00 por cada 100 ex.

Ainda mais uma vez, este Comité exorta todos os anarquistas isolados a constituirem grupos por afinidades, intensificando-se assim a propaganda.

Toda a correspondência para este Comité, deve ser enviada a Mário Ferreira, R. do Sol, 131 —Pôrto.

LITERATURA

O candidato a deputado

— Boa gente que me escutais: ricos e pobres, honrados e ladrões, surdos e cambaios, paralíticos e deentes, olhai bem para mim... Sou o candidato a deputado por este círculo, e venho solicitar os vossos sufrágios. Atendei-me, portanto:

Sou eu quem faz brotar da terra, a messe bendita; sou eu quem transforma as miseráveis cabanas dos trabalhadores em palácios; sou eu quem abarrota de finíssimo ouro, os cofres velhos e vazios; sou eu quem enche de felicidade e alegria os corações ulcerados...

— Aproximai-vos, boa gente! Acudi à minha chamada, porque eu sou a providência das mulheres estérteis, dos fabricantes e até dos próprios soldados... Se eu disser ao granizo: não caias; à morte: não faças vítimas; à guerra: não mates, serei prontamente obedecido... Eu sou tudo: converto em delicioso vinho a água estagnada das praias. E, estendendo a minha mão, sobre os cardos, eles transformam-se em imediatamente em dulcíssimos favos de mel...

Enquanto o candidato assim falava, aglomerou-se, em redor dele, uma grande multidão.

— Meu rico senhor—diz-lhe uma velha, tãda trémula e chorosa— um filho que tinha, e que era o meu único amparo, foi para a guerra e mataram-no.

— Não te enrijas. Quando eu for deputado, restituir-to hei, vivo.

— Bem vê, senhor candidato—acode um côxo— não tenho mais que uma perna.

— Dar-te hei duas...

— Olhe para esta chaga que me rói as entranhas e me faz sofrer dores horríveis—grita um desgraçado.

— Colocarei, sobre a tua chaga, a medalha parlamentar e ficarás são...

— Tenho noventa anos—balbuciou um velho.

— Tirar-te hei cinquenta e dar-te hei novamente a virilidade...

— Há três dias que não como pão—exclamou um indigente.

— Fartar-te hei de tortas e de pão de ló...

Nisto aparece um assassino, no meio de dois soldados, e uiva-lhe:

— Matei o meu irmão e vou para as galés.

— Hei-de acabar com elas; hei-de extinguir a magistratura e as cadeias; e hei-de nomear-te fiscal dos impostos...

— O meu sômo é muito rico—lamuria um aldeão—; os coelhos dele devoram os meus trigais; e os filhos, uns endiabrados rapazes, roubam-me as galinhas, os perús e os patos.

— Obrigá-lo hei a ceder-te as terras que lhe pertencem. E, com o meu consentimento, poderás pregar nas portas das tuas novas quintas os filhos desse bandido, exactamente como se faz às corujas...

— Amigo candidato: os meus criados não querem tirar água do pôco para encher os meus tanques—vociferou um lavrador.

— Enforcá-los hei nos plátanos que embelezam as avenidas das tuas vastas propriedades...

— Ah! senhor—suspirou uma mulher nova—essas malditas colónias arrebatam-nos os namorados.

— Suprimi-las hei para não terdes razão de queixa...

— Não tenho mercados suficientes para os meus produtos—exclama um industrial.

— Levarei até ao fim do mundo o campo das nossas conquistas.

— Viva a república!—grita um espectador.

— Viva a república!—ajunta o candidato.

— Viva o rei!—grita outro espectador.

E o candidato desvanecido, grita igualmente:

— Viva o rei!

— Viva o imperador!—grita um terceiro circunstante.

E o candidato respondeu logo:

— Viva o imperador!...

Nesse momento, uma mulher, radiante de beleza, sai dentro a multidão e avança para o candidato.

— Não me conheces?—pergunta-lhe.

— Não—responde o candidato. Onde é que te poderia ter visto, maldita estrangeira?

— Sou a Vida—acrescenta. E, que farás por mim?

— O mesmo que fazem por ti, aqueles que são como eu...

Ouve, queridinha: hei-de con-

tinuar a comer, a beber e a dormir...

A minha rica barriguinha regozijar-se há com isso. E com o dinheiro que, por teu intermédio, hei-de adquirir, garanto-te que não me faltarão mulheres lindas, prazeres e alegrias... caso te convenham tôdas essas coisas. E se não te contentares com o que te der, então tem paciência, serei obrigado a mandar-te à guilhotina. Porque, nota bem: eu sou o candidato; prometo o que me vem à cabeça; e o povo, ignorante e estúpido, acredita-me. Eu subo, na escada social, e éle fica sempre miserável. Mas, que tenho eu que ver com semelhantes ninharias? O essencial é que eu seja *alguém*; e, conseqüente com esse pensamento, proponho-me candidato a deputado.

Não me incomodes, pois, e segue-me... porque és a Vida que eu quero e que convêm às classes que, nada produzindo, possuem tudo quanto necessitam...

OCTAVIO MIRBEAU.

Aos leitores de:

“GENERACION
CONSCIENTE..”

Está-se procurando fazer a segunda edição do primeiro número desta ótima revista espanhola, por se ter rapidamente esgotado a sua tiragem.

Todos os que desejem receber exemplares da mesma, devem fazer quanto antes os seus pedidos acompanhados da respectiva importância: 40 centimos por exemplar; de 5 exemplares para cima a 35 centimos.

Solicita mais o seu grupo editor a rápida liquidação dos exemplares já remetidos anteriormente.

Sumário do primeiro número:

Necessidade da procreação consciente e limitada;—Confidências sexuais;—Família numerosa;—Palavras de Sócrates;—A besta humana (desenho);—O corpo humano;—Do amor livre;—A receita;—A educação e a higiene;—As enfermidades venéreas, (Necessidade de divulgar os meios higiênicos preventivos.—Como se contraem.—Como se evitam.—Como se curam).

Para todos os assuntos: «Generación Consciente»—Nueva, 4—Alcoy—Espanha.

CONTRA O FASCISMO

(Excerpto dum artigo publicado no *Libertaire*, por Luis Loreal)

A união de todos os revolucionários

Mas como realizar esta união? Compondo um Comité de Acção, compreendendo delegados das diversas organizações?

Ah! evitemos sobretudo esta falta. Já sabemos pela experiência, o que valem os ditos comités, que não tardam a ser comités de inacção.

Além disso, as discussões de tendências impedem de se fazer qualquer trabalho útil por este meio.

É preciso unir os revolucionários por um método mais eficaz, para que esta união seja verdadeiramente uma coordenação racional de todos os explorados unidos solidariamente contra a reacção.

Que dentro de cada oficina se forme um grupo de camaradas, que se conheçam bem; que em cada estância, em cada sindicato, em cada organização os amigos seguros se agrupem, e formem como que pequenas associações, nas quais reine uma inteira confiança entre todos os membros.

Que os camaradas se armem, porque actualmente é-nos preciso estar armados.

Que façam uma ampla provisão de armas e de munições; que se informem sobre os arsenais e depósitos de armas existentes nas proximidades do seu trabalho, ou da sua esfera de acção de grupo.

Que procurem os endereços das sedes das organizações reaccionárias, com o único fim de ir destruí-las ao primeiro golpe dos rialistas; que procurem também os endereços dos seus aderentes, das Uniões cívicas ou outras organizações reaccionárias com o fim de poderem assegurar-se deles ao primeiro grito de guerra.

É uma luta de morte que se vai travar; e é-nos preciso aniquilar a reacção, se não queremos ser aniquilados por ela.

É aí que está a única maneira eficaz de se organizarem contra o fascismo, e é ainda o único meio de constituir uma sólida força revolucionária.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30.

À VENDA NESTA REDACÇÃO

MOSCOU OU BERLIM?

A todos os militantes e não militantes da organização operária; a todos os leitores de A COMUNA, anarquistas ou não anarquistas

Mas nós, que somos anarquistas, devemos ficar anarquistas, e agir como anarquistas antes, durante e depois da revolução.

O nosso papel, depois de ter concorrido para abater o regime actual, é de impedir, ou tentar impedir, que se constitua um novo governo; e não o conseguindo, lutar, pelo menos, para que o novo governo não seja único, não centralize nas suas mãos todo o poder social... Em todos os casos, nós anarquistas, não devemos nunca nele tomar parte, não o reconhecer e ficar em luta aberta contra ele como contra o governo actual.

ERRICO MALATESTA.

«Mais vale tarde do que nunca» — é um velho anaxim, muitíssimo considerado na antiga e apedregada filosofia popular. E nós, humildes escrevinhadores deste jornal, a parte integrante da camada miúda do operariado escravizado, encostamo-nos um pouco àquele eloquente rifão.

Quer isto dizer, trocado em miúdos, que tar bém recebemos um manifesto, fôlha volante ou o quer que é, sobre *A questão das Internacionais*, assinado por 21 militantes da organização sindicalista, tam clarividentes, tam illustres, tam luminosos, tam fulgurantes como os 21 pontos coercivos das condições moscovitas. Quer isto, portanto, dizer também, que só agora é que vamos principiar a dizer da nossa justiça a propósito das doudas considerações dos 21 luminares distintos e um só verdadeiro, de harmonia com os antigos puritanismos hoje retorcidos...

Como somos militantes da organização operária, embora como tendência ideológica abracemos as doutrinas anarquistas, supomos que os sinatários igualmente falaram connôco, visto que a perlenga histórica e doutrinaría do célebre documento era dirigida a todos os camaradas militantes e não militantes sem excepção, em bora nas linhas 18 a 20, da segunda columna da frente, o endereço fôsse desmentido, proclamando a incoerência de que se não pretendia, «de forma alguma», na exposição intangível, «responder aos rossos adversários de tendência, desprezando por incon-

scientes, tôdas as insinuações malévolas dirigidas aos nossos intuitos»... deles...

Muito satisfeitos com a nossa pequenez intelectual e filosófica, agradecemos, do fundo da alma, o apodo de *inconscientes*, como recebemos, com tôda a reverência livre de todo o contágio da expressão cambronesca, o epíteto de *ignorantes* e de *sectaristas* que enlaçou, no mesmo elo de solidariedade, a quase totalidade do operariado e dos seus organismos sindicais, cuja burrice reconhecida pelo penetrante moscovitismo só nos tem permitido, a todos, tratar superficialmente questões importantes como a questão da Internacional.

¿Como não havia de ser assim, se nós, os *pobresinhos*, sacrificados no *Índex expurgatório* do papado vermelho de Kremlin, importamos tudo do estrangeiro, «desde o alimento dos estômagos, ao dos cérebros, mesmo que esse alimento ostente a etiqueta de muito avançado, mesmo que êle se apresente como constituindo o superfino do revolucionarismo mais puro e extremo?»

As 21 criaturas, *guardas-avanzadas* dos 21 pontos de sujeição a políticos neo-marxistas impostas pela Roma leninica, é que, entre nós, traduzem uma honrosa excepção. Elas não importaram nada, mesmo nada, do estrangeiro: — tôda a sua argumentação, todo o seu ideologismo, tôda a sua filozofia, todo o seu Kamenefismo e trostzkianismo rebentaram-lhes formidáveis, exuberantes e espontâneos nos seus cére-

brós incomparavelmente privilegiados, como Minerva, perfeitamente armada em *guarda vermelha* e de canhão ao ombro, nasceu da cabeça de Júpiter ditatorial e jugulador do Olimpo da tirania herói deificada.

O que é para admirar é que os excelsos e esporádicos revolucionários, que *não importam* nem as ideias nem as atitudes e os processos de ataque — como nós, como o operariado organizado na sua maioria que, *no que diz respeito á tentativa de arrastar os organismos operários a aderirem á Internacional de Berlim*, recorremos, como êles dizem, a todos os processos, ainda os mais burgueses, para obstar que os defensores da adesão á Internacional Sindical Vermelha podessem esclarecer o assunto, — o que admira é que êsses impecáveis apóstolos da ditadura começassem por importar um período de Malatesta para com êle especularem, tendo o cuidado de pôr de parte o resto dos seus pensamentos; o que é para admirar é que os 21 omniscientes e omnipresentes, que importaram muito do que é bom e pouco do que é mau, em contraposição a nós, como querem fazer ciêr, encomendassem, *rabiosos*, os sistemas, os textos, os compêndios russófilos da tirania marxista, para que em Portugal se ja inaugurado um período de intolerância, ainda o mais mussolinico, onde tenha carta branca apenas os da grêi, os da *tcheka* lusitana, talvez já de antenão, com o seu *carnet* repleto de nomes apontados...

Deixemos, contudo, estas considerações para outra vez. O que, por agora, queremos dizer, é tão edmente isto:

Com ou sem ignorância, com ou sem importação, dentro da esfera da nossa microscópica inteligência em comparação a dos *ilustrissimos* propagandistas satélites de Moscovia, vamos demonstrar, em artigos subseqüentes, que a *causa da revolução social*, encarada no seu significado mais lato, foi sofismada, travada, atraçoada, pelo partido comunista russo, que, sendo proprietário da Internacional Sindical Vermelha, faz com que esta deixe de ser a *mais poderosa e mais prática defensora* da dita revolução social, para exclusivamente passar a desempenhar as funções duma agência reclamatória dos elixires dum partido político jacobino, que tudo quer dominar, apresentando-se como infalível, impecável, divino... razão por que tem sido atacada por gregos e troianos,

que não se deixam já adormecer pela vermelhão das promessas duma falsa ditadura proletária que aniquilou o primitivo sistema dos *soviets*, nem pelo rendilhado das frases conjugadas dos ditirambismos inflamados, espectaculosos na forma, mas funestos encobridores dos factos que teem perseguido, não só àqueles que teem, em nome do pensamento humano, criticado os defeitos do governo bolchevista, como mesmo até o próprio operariado russo.

E como estas linhas veem, afinal, à guisa de prefácio, de introito, nós ficamo-nos por aqui, numa superficialidade flagrante, para desdouro nosso, mas para honra e gaudío dos únicos e inegaláveis 21 inteligentíssimos que assinam o precioso e consubstancioso manifesto...

Devagar, para ir depressa.

A água duma fonte não muda na sua pureza e eficácia, segundo foi recolhida em vasos santos, com pausados ritos, por um grande Bispo, para baptisar um rei Sicambro — ou por uma velha, de touca e tamancos, numa chaleira, para ferver o chá dum hereje.

Êça de QUEIRÓS.

ANTOLOGIA

O usurário

Quando vemos passar o usurário, e que não pretende conhecer a nossa vida, rimo-nos dêle, porque, muitas vezes seria risível se não fôsse sempre sinistro. Porque esse homem, desertor do povo, que abandona os seus para se elevar, deixando, em baixo, ódios e ameaças, impõe-se aos de cima, em nome desses ódios e dessas ameaças que semeou, e volta a impor-se aos de baixo com o prestígio que lhe dão os seus pactos com os de cima.

O usurário é o homem de todos os negócios tórvos e de tôdas as corrupções. É o homem que trafica com todos os sentimentos; e, em nome da Humanidade, não vacila em arruinar aquilo a que chama a sua Pátria; e, em nome da sua Pátria não vacila em a levar para um desastre, se, com esse desastre, salva uma empresa, garante um empréstimo ou assegura o pagamento do dividendo dumas acções.

JACINTO BENAVENTE.
(Dramaturgo espanhol)

O terror vermelho na Rússia

A TIRANIA DA «TCHEKA»

A «Tcheka» — ou Comissão extraordinária panrussa — é entre as instituições bolxevistas a mais iníqua. Foi instituída pouco depois da subida ao poder dos bolxevistas, com o fim de combater os manejos contra-revolucionários, a sabotagem e a especulação. Ao princípio estava a Tcheka sob a fiscalização do Commissariado do interior, dos Sovietes e do Comité Central do partido comunista. Gradualmente tornou-se a organização mais potente da Rússia, constituindo mais do que um Estado contra o Estado, ou melhor um Estado sobrepondo-se ao Estado. Ela estende-se com uma vasta rede de malhas finíssimas a todo o país.

Cada uma das partes da imensa máquina burocrática, que administra a Rússia possui a sua «comissão extraordinária», árbitro onipotente da vida e da morte do povo. Só a pena dum Dante poderia descrever com eficácia o ambiente de brutalidade, de desconfiança e de ódio gerado por esta organização, e os efeitos desagregadores, os sofrimentos e as mortes que o seu funcionamento tem causado na Rússia.

O chefe da Comissão extraordinária panrussa é Dzerzinski, um comunista «provado», como os seus do comité. Segundo as suas próprias declarações públicas, a Tcheka, e por ela o seu comité, «o terror organizado, contra os inimigos do governo dos Sovietes, com a autorização de proceder a razias, confiscar mercadorias e valores, efectuar prisões, interrogar, julgar e condenar, quem lhe pareça suspeito, e infligir a pena capital». Em resumo, a Tcheka exerce ao mesmo tempo as funções de espia, policia, juiz, carcereiro e carrasco.

E' o poder supremo em frente do qual não há salvação. Ela opera quase sempre de noite. A aparição repentina dum feixe de luzes brilhantes num bairro, o ruído dum automóvel-lançado a toda a força, são os sinais que aterrorizam a comunidade. E' a «Tcheka», que opera!

«Quem serão os desgraçados colhidos na rede esta noite? A quem tocará a vez?»

A «Tcheka» foi organizada para fazer frente à contra-revolução; mas para cada «complot» ríal descobria ela, por

conta própria, uns outros nove de todo imaginários. Os seus auxiliares são provocadores e informadores que infectam, como o tifo, a atmosfera do país. Estes indivíduos não recuam diante de qualquer meio, seja ele o mais desprezível, para confundirem as suas vítimas e representá-las como perigosíssimas contra-revolucionárias ou especuladoras.

Na realidade é a própria «Tcheka» um viveiro de «complots» contra-revolucionários e de fabulosas especulações.

Tôdo o comunista deve, em obediência ao partido, estar pronto a servir, em qualquer ocasião na «Tcheka». Está provado de facto que a maior parte dos *tchekistas* provêm da Okrana (policia secreta) tzarista, das «centúrias negras» e dos ex-oficiais superiores do exército imperial. Elementos deste modo já exercitados na aplicação dos métodos bárbaros.

Os tribunais populares, presididos por operários e camponeses, dos quais se tem feito descrições agradáveis para o mundo ocidental, não existem na realidade no domínio da «Tcheka».

As sessões são secretas; e os interrogatórios, quando se chegam a efectuar, não são mais do que uma paródia da justiça. O acusado defronta-se com uma acusação manipulada pelas necessidades da «causa», sem possibilidades de apresentar testemunhas próprias, ou de se defender.

Ao deixar a sala êle não sabe se foi absolvido ou condenado, até que um dia, depois dum período de ansias mortais, êle é chamado fora da prisão, para não mais voltar; e no dia seguinte os outros prisioneiros e os parentes do condenado, sabem que *mais um* assassinato se ajuntou à longa lista dos precedentes.

Como a antiga Okrana, também esta moderna Okrana age longe dos olhos do público. Mas a verdade virá à luz um dia, sobre os seus actos horribéis, sobre as suas torturas e sobre as suas especulações. Para isto bastam já os documentos que ela mesmo nos fornece. O órgão semanal da «Tcheka», n.º 3, publica um artigo sobre a necessidade da tortura intitulado «Basta com a sentimentalidade» no qual se diz:

«Com os inimigos da Rússia dos Sovietes é necessário recorrer à tortura, afim de lhes arrancar confissões, e mandá-los depois para o outro mundo».

De 1918 até agora não houve nenhuma mudança nos métodos da «Tcheka». O verão passado, quando foi descoberto o pretenso «complot» do professor Taganceff em Petrogrado foram postos em acção métodos eminentemente revolucionários, tais como: pancadas brutais, tortura da sede, etc. Tudo isto me foi contado pela própria boca dum sincero comunista, que naquele momento se encontrava preso com outros acusados, pois que a «Tcheka» prende ao calhar, culpados e inocentes. Sessenta e oito pessoas foram fusiladas sob a acusação de fazerem parte da pretensa conjura...

No entretanto, multiplicaram-se as reclamações, para que os poderes da «Tcheka» fossem abolidos, pelo menos em parte. Houve para este fim uma ten-

tativa em 1920; mas repentinamente multiplicaram-se os crimes e os «complots». Era preciso justificar a necessidade da «Tcheka!» O seu chefe Dzerzinski foi publicamente elogiado e proclamado «um santo ao serviço da revolução» pelo próprio Zinovieff em sessão do Soviete de Petrogrado.

Todavia os bolxevistas tinham no seu tempo defendido e votado a abolição da pena capital. E agora as perseguições são efectuadas sob a égide do estado comunista. Onde estão as teorias marxistas, que ensinam que a revolução social deve ser o início duma vida social nova? O estado bolxevista manifestou-se como uma conspiração contra a revolução russa.

EMA GOLDMANN.

Do que se sabe

DONOS DO MUNDO

Inquestionavelmente, donos do mundo são os senhores do dinheiro, da finança; são os detentores da riqueza, os que acumulam fortunas sempre amasadas com o suor dos seus vassallos, dos seus criados, dos seus escravos.

O poder dos donos do mundo aumenta na razão directa do valor que assambarcam e deteem. Dos maiores que hoje se orgulham de mandar mais do que os próprios reis, do que os presidentes, do que os parlamentos, apontam-se seis.

Henry Ford, é, provavelmente, o mais rico de todos, calculando-se que os seus rendimentos atingem 45 libras por minutos.

Rockefeller, dizem ter oferecido 100 milhões de libras para instituições de caridade, mas a sua fortuna é ainda enorme.

Zaharoff, o milionário grego, é senhor da melhor parte de Monte Carlo e o maior dos acionistas das fábricas de armamentos e dos poços petrolíferos.

A fortuna de outro maior dono, Gaekwar de Baroda, nunca pôde ser calculada; os seus diamantes e outras joias calcula-se valerem cerca de um milhão de libras; os portões do seu palácio estão guardados por canhões de puro ouro, pesando 200 quilos cada um; e esta bestial riqueza, é apenas uma parte do que êle chama seu.

Hugo Stinnes, o magnate das minas carboníferas alemãs, é o homem mais rico da Alemanha.

W. Mellon, secretário do ministério das Finanças dos Es-

tados Unidos, tem fama e proveito de ser o homem que, em quarto lugar, acumula maior fortuna no mundo, pois que possui mais de 30 milhões de libras.

Entre os portugueses, também os conhecemos bem gôrdos e bem anafados, dos que acumulam, assambarcam, deteem, exploram, vivem de rendimentos e do esforço dos escravos, da exploração dos vassallos e da bajulação dos criados.

E lembrar-nos que dos que produzem estas fortunas que donos gosam; há muitíssimos que não teem muitas vezes uma côdea dura para entreter a fome dos filhos, nem uma pedra onde à noite repousar a cabeça!

Ah!, o ódio santo ao sistema social que gera os ricos, que só vivem, que só podem viver do trabalho e do esforço alheio, se êle chega a aumentar e a invadir os espíritos, se os que o devem odiar um dia formam legião e se dispõem a viver sem donos e sem amos! Êsse dia, sim, será o início da paz sobre a terra e a chegada do pão para todos; para todos que até hoje só teem produzido pão para os outros, o supérfluo para os donos do mundo acumularem e gosarem.

M. H.

CORREIO DE «A COMUNA»

VALE DO VARGO — Fiel Baptista Machado. Recebemos 20\$00.

LISBOA — Joaquim Eleutério. Recebemos 2\$50.

VENDAS NOVAS — José Capote. Recebemos 12\$50.

GRANDOLA — Adelino Cardoso Saraiva. Recebemos 2\$10.

PELA UNIÃO INTERNACIONAL DOS EDUCADORES

MANIFESTO do professor Canhão Júnior ao professorado primário

Animado da mais alta concepção fraternal e humana, Canhão Júnior, fez circular profusamente pelo professorado português o manifesto que nas nossas colunas inserimos na integra.

É um apêlo lançado por um espírito culto, cheio de abnegação e carinho pelo futuro da humanidade; é um apêlo que profundamente sensibilizou o nosso sentimento altruísta, incondicionalmente posto ao serviço da legião sofredora.

Doutrinária e simultaneamente educativa a indole de *A Comuna* é, pois, o manifesto de Canhão Júnior, um elemento de valor para o futuro da humanidade, que merece ser emoldurado nestas colunas.

Resta que os educadores, aos quais em especial este documento é endereçado, o acolham com o coração vibrante de emoção, como emotivo e humano é o sentimento do seu autor.

«Se não fosse desnecessário chamar a atenção de espíritos da vanguarda científica e social para os grandes acontecimentos do nosso tempo, dir-vos-ia que uma profunda transformação ideológica e orgânica se está operando no seio da sociedade, no sentido da emancipação integral do homem.

Os princípios de justiça social, velho sonho de poetas e teóricos, vão então em vasta experiência — e, sobre a Escola, laboratório de uma civilização humana e transcendente, sobre a Escola, verdadeiro poder espiritual da nova era, vai pesar a responsabilidade do futuro da espécie.

Dirigindo-me à elite de um povo, seria estultícia dissertar. Pela «Internacional dos educadores», fundada em 1922 sob a inspiração de Romain Rolland, Henri Barbussé e Anatole France, eu venho humildemente fazer uma prece ao vosso coração e á vossa fé nos altos destinos do homem:

Em nome de todos os nobres sentimentos que podem juntar os homens em caminhos de ascensão e resgate, tornando-os irmãos em esforço abnegado e em sonho de beleza eterna; fora de todos os credos políticos, religiosos ou filosóficos; acima de todos os preconceitos de diferença herárquica e específica das múltiplas modalidades do ensino, unamo-nos todos os que

crêem no esforço próprio e na perfectibilidade da espécie, e demos as mãos aos nossos companheiros de ideal que além fronteiras trabalham já com método e fervor na edificação da escola humana que ha de realizar a cultura e a liberdade integrais do homem, divinizando-o.

EDUCADORES:

Nesta hora ainda e sempre de dúvida filosófica, nesta hora social de impotência e de medo, nesta internacional e nacional de nevoeiros, sectarismo e baixezas, eis aí o vosso sistema filosófico, o vosso partido político e a vossa igreja! Eis a vossa posição para as lutas e triunfos do presente e do futuro! Ocupai-a urgentemente!

Unamo-nos para libertar o homem que vergonhosamente permanece escravo do homem, verdugo e ignorante de si mesmo, — no extremo superior da escala da Vida!

Dêsse alto lugar de responsabilidade humana, a vós me dirijo, cheio de esperança, preclaros e generosos educadores de Portugal. A vossa elevada consciência adivinhará a grandeza da causa que pretendo apresentar, dispensando-me de escrever mais palavras deficientes para encarecê-la.

Passemos a congregar as almas irmãs que andam dispersas, fim único deste apêlo.

Os professores portugueses, pois, que, sob esta humaníssima aspiração de aperfeiçoamento e fraternidade universais pela educação, concordarem com a idea de uma internacional de educadores, e que desejem formar um núcleo para entre nós trabalhar por essa grande causa do futuro, dignar-se-ão enviar-me nome, morada e designação do ensino que ministram, a fim de se iniciarem os trabalhos de união. Os professores que aceitando os fins da Internacional dos Educadores, abaixo transcritos, desejem aderir já a este organismo, farão o favor de o declarar.

Julgo necessário acentuar neste lugar que para ingressar num grupo aderente à Internacional dos Educadores não é preciso deixar as associações profissionais a que já se pertença, nem isso implica a menor quebra de deveres para

com elas, regidas como são, pelos princípios de autonomia do associado.

Seja-me também permitido fazer neste momento calorosos votos para que os diferentes graus e ramos de ensino existentes no país constituam os seus sindicatos profissionais, e para que em breve se realize a federação de todo o professorado português, a fim de integrar a escola portuguesa nos mais altos progressos e aspirações da humanidade.

Terminando, cumpre-me transmitir aos professores portugueses partidários da Internacional dos Educadores as entusiásticas saudações e votos de fé que para eles recebi na qualidade de professor português aderente aquele organismo, ao tomar o encargo da propaganda e organização que estas (palavras apagadas mas comovidas) iniciam.

EDUCADORES PORTUGUESES!

!Pela integração da escola na Vida e do homem — livre — na comunhão do Universo, univos internacionalmente!

!Viva a união internacional dos educadores!

Caldas da Rainha, Junho de 1923.

Canhão Júnior.

Sins da «Internacional dos Educadores»:

«A Internacional dos Educadores deseja ajudar o advento de um mundo melhor e trabalhar no seio do proletariado pelo bem futuro.

O seu objectivo é promover a união sobre todas as fronteiras, dos educadores de todo o mundo para:

- a) Fazer brotar dos ilógicos métodos de ensino usados actualmente, um método de educação humano e racional;
- b) Tornarem-se melhores propagandistas e educadores;
- c) Melhorar a sua situação moral e material no mundo.

Tenciona criar relações activas entre os educadores das diversas nações por meio de:

- Troca de correspondência.
- Viagens de estudo.
- Congressos de educadores.
- Troca de crianças durante as férias.

Prática de uma lingua internacional.

E, quanto mais breve possível, por meio de edição de um Boletim Internacional e de edição de livros de literatura pedagógica e de literatura para crianças».

Grupos aderentes.

Alemanha, com 700 membros; Luxemburgo, com 40; Itália, 3000; Holanda, 60; Tchecoslováquia, 3000; França, 8000; Espanha, cujo número de associados ainda não está averiguado.

Estão em via de formação os agrupamentos da América

do Norte, Rússia, Urugual, Yugoslávia, Bulgária e Portugal.

A Internacional dos Educadores aceita membros isolados dos países em que ainda não haja aderentes.

Trabalhos

A Internacional dos Educadores, tendo realizado o seu primeiro congresso a 14 e 15 de Agosto de 1922 em Paris, resolveu lutar contra a guerra e o ódio, combatendo os compêndios escolares que inspiram estes sentimentos, e estudando a factura de um livro modelo de história capaz de introduzir o sentimento internacional e pacificador na escola; iniciou os estudos precisos para determinar as bases científicas da Escola Uniforme Universal, garantidora da paz e do progresso da humanidade; vem estudando a situação material, intelectual e moral do professorado de todo o mundo, a fim de o elevar ao seu verdadeiro lugar de auxiliar da Natureza no aperfeiçoamento do homem. Tem um órgão na imprensa redigido em esperanto, a revista «Novoj Tempo» e, por intermédio daquela lingua internacional, mantêm já relações com professores de todos os países do mundo.

Os professores que pretenderem aderir individual e directamente à Internacional dos Educadores, devem fazê-lo para Marcel Boubou, Rue Saint-Marceau, 96, Orléans (Loiret) France.

Solidariedade Pró Nunes Canha

Quantias entregues na nossa Redacção:

<i>Transporte</i>	234\$70
Eduardo Gonçalves	5\$00
Francisco Gonçalves	10\$00
José M. de Paiva	5\$00
Costa Carvalho	5\$00
Joaquim Pacheco	2\$00
J. Baptista Frias	2\$50
Um professor Primário	2\$00
Albino Fafiães	2\$00
A. J. A.	1\$00
<i>De Lisboa:</i>	
Manuel Figueiredo	2\$50
<i>De Guimarães:</i>	
João Silva	1\$00
<i>Grupo de Moita do Ribatejo:</i>	
José da Júlia	1\$00
João Rodrigues Marta	1\$00
Joaquim Maria	3\$00
Manuel Miguel	1\$00
Manuel Bento Junior	1\$00
Antero Tadeu	2\$50
Custódio Tamanqueiro	2\$50
Anselmo X. de Freitas	2\$50
J. A. N.	1\$50
Tomás Trindade	1\$50
Jacinto Simões	1\$50
Manuel Fonseca	1\$00
António Alexandre	2\$50
Jerónimo Liz	1\$00
Luis Broega	1\$00
Luis Simões	1\$00
Ludgério Sigarrito	1\$50
Anónimo	2\$50
Felix Franco de Avelar	2\$50
<i>A transportar</i>	302\$00

Vida Anarquista

Grupo de Propaganda

Libertária — Porto

É hoje que este grupo efectua o seu anunciado passeio familiar de propaganda e recreio.

A partida é às 15 horas prefixas do Monte Aventino (Antas).

Estes passeios tem a dupla vantagem de reunir o útil ao agradável, pois, ao mesmo tempo que se desenvolve a propaganda, tão útil e imprescindível, aproveitar-se há a oportunidade para o estudo de temperamento e costumes dos povos das aldeias circunvizinhas, tendo ainda a satisfação agradável que a natureza nos proporciona.

Estes passeios não são apenas limitados aos componentes deste grupo; podem todos os camaradas e pessoas de suas famílias e relações, neles tomar parte.

Todos os que puderem devem levar brochuras de propaganda para distribuição gratuita.

Grupo Anarquista

«Os sem Deus nem Amos»

Com esta denominação acaba de se constituir no Porto, um grupo anarquista que vai enviar os seus melhores esforços na propaganda libertária, desejando este grupo relacionar-se com todos os grupos tanto da Região Portuguesa como do Estrangeiros.

Ficou assente para na próxima reunião tratar da adesão à «União Anarquista da Região Portuguesa».

Sauda «A Comuna» «O Despertar» e «A Batalha».

Toda a correspondência deve ser dirigida a Filinto Elísio de Almeida. — Rua do Miradouro n.º 51 — Porto.

Nos Jovens da Indústria

da Construção Civil

Há já bastante tempo que esta secção vive numa apatia criminoso. Já por várias vezes foi convidada a comissão executiva a reunir sem que até hoje o fizesse; e, como este organismo revolucionário não pode continuar assim, salvo se a mocidade da nossa indústria quer esquecer todo o seu passado, julgo que a mesma deve esclarecer as suas intenções.

Assim, tomo a liberdade de convidar a mocidade da cons-

trução civil, socios e não socios, a reunirem na próxima sexta-feira 6 de Julho na rua da Boavista, 327.2.º, para resolver se sim ou deve continuar esta secção; igualmente se convidam os militantes operários da indústria que lhes interesse a juventude, a comparecer à mesma reunião que principia às 20 horas precisas.

Jóven! comparecei à reunião que da mesma depende o robustecimento do vosso núcleo; igual convite se faz aos camarada: Gilberto T. Barros e Tomé Ramos pois que há assuntos que

se prendem com estes camaradas. — Pela secção, Martins, secretário.

Escola e Biblioteca de Estudos

Sociais da Boavista

Esta Biblioteca apela para todos os camaradas que queiram emprestar livros, o façam, pois contribuem assim para o bom êxito da propaganda.

Acusa a recepção de um livro «Contra a perpétuidade do erro e da mentira» oferta de um camarada.

Caleidoscópico

Para que serve a ocupação do Riff

A Espanha continua a manter um forte exército de ocupação no Riff para garantia dos seus direitos. Ora os direitos da Espanha no Riff não são senão os direitos das companhias que exploram aquela região, roubando aos marroquinos aquilo que lhes pertence. E é assim que se vê, que a *Companhia de Minas do Riff* tem visto aumentar, de ano para ano, os seus lucros líquidos. Por exemplo: em 1916, essa companhia teve 765.840 pesetas de lucros líquidos; em 1917, 931.970; em 1918, 1.293.885; em 1919, 1.584.582; em 1920, 3.466.429; em 1921, 5.375.890; e em 1922, 9.788.657! E ainda assim, estes lucros não exprimem a verdade, porque, lá como cá, toda a gente patriótica que vive do trabalho alheio, foge o mais possível ao pagamento dos impostos industriais e comerciais. Por isso, esses lucros deviam ter sido muito maiores... E é para que a exploração capitalista se exerça em grande escala, que a Espanha sacrifica a juventude, mandando-a matar e morrer às mãos dos *riffenhos!*

O padre e o anarquista

No comboio que transita na linha de Bordéus a Paris seguia viagem, numa carruagem de 3.ª classe, um velho pedreiro com o fato salpicado de cal. No mesmo banco, quase junto ao pedreiro, seguia igualmente viagem um padre missionário.

Para se distrair da sua monotonia da viagem, o velho pedreiro tirou do bolso um exemplar do *Libertaire* e começou a

lê-lo. A certa altura, é interrompido pelo padre, que lhe pergunta:

— Diga-me: o sr. é anarquista?

— Com muita honra — responde-lhe o pedreiro.

— Então o sr. poderá dizer-me que distância vai dum anarquista a um malfetor?

O pedreiro, muito silenciosamente, tira do bolso um metro, que fazia parte da sua ferramenta, e medindo a distância que ficava entre ele e o padre, responde-lhe:

— Vinte centímetros, reverendo!...

Viva a liberdade!

O sr. Rosseti, comandante italiano, que, durante a guerra, e com risco da própria vida, meteu no fundo o *dredenote* austriaco *Virtus Unita*, recebendo, por esse «felto de armas» uma medalha de ouro, parece que despetou agora do seu sonho de libertação. E a prova, é que, encontrando-se, ultimamente em Génova, foi a um comício fascista e gritou com toda a força dos seus pulmões:

— Abaixo o fascismo! Viva a liberdade!

Conquanto seja um autêntico herói da grande carniceira, foi agredido violentamente e posto fora do local. E o governo, não ousando condená-lo pelo seu gesto, declarou, por meio da imprensa sabuja, que ele estava completamente louco!

Devemos, porém, convir, que o sr. Rosseti acaba de provar que tem uma alma de herói, insurgindo-se num momento em que todo o povo se curva. O seu grito é o próprio grito da consciência humana que não se pode calar em presença do crime triunfante.

Soldados... beladamente...

Lêmos, na revista *Sphere*, órgão do Comité universal das Uniões cristãs, o que segue:

«Por uma deformação progressiva, o escotismo está em risco de perder a sua primitiva originalidade. Nalguns países, vêmo-lo, presentemente, empregado exclusivamente na preparação militar da juventude, e isto é contrário à ideia do seu fundador. Noutras partes, são as organizações eclesiásticas que o acaparam; e, deformando-o, procuram atrair à Igreja a juventude que se lhe escapa.»

Desde o seu princípio que Krapotkine denunciou o escotismo como uma preparação militar dos países sem exército permanente. Lembremo-nos que a Igreja e o exército foram fundados para se entenderem; e, assim, ninguém se pode admirar ao ver que a mesma instituição tanto serve uma como outra coisa.

Foi por isso que Proudhon afirmou:

«A guerra é a expressão violenta do pensamento religioso. O exército, como a Igreja, é o mundo da injustiça, do favoritismo, do bom prazer, da obediência passiva, do desprêzo da vida e da dignidade humana.»

Uma curiosa estatística

Em quarenta e três segundos, nasce, no Japão, uma criança. Segundo as estatísticas oficiais, a povoação total deste país, é de 57.656.999 indivíduos de ambos os sexos. Nos últimos 27 meses houve um aumento de povoação, calculado em 1.893.030, ou seja, 730.030 por ano, ou 2.000 por dia. Os japoneses são quase tão prolíficos como os mongóis, visto que, num país em que a religião se baseia no culto aos antepassados, toda a gente quer ter muitos descendentes para que a venerem depois de morta. O governo proíbe severamente as práticas ou a propaganda neomaltusiana.

Secho alegre

O Zequinha, que ouviu falar da lenda de Adão, vê o pai voltar da rua com as calças e os sapatos cheios de barro, e exclama:

— Ih! tanto barro! chega bem para fazer outro Adão...

LEDE

A BATALHA